

COMENTÁRIO DE MÁRCIO FERNANDES DA CRUZ
“Bênção”: O Memorial do Pão vivo

O estudo apresentado por J.P. Audet, OP, intitulado *Esquisse historique du genre litteraire de la “Bendition juive et de L’ Eucharistie” chrétienne*, traduzido literal e rigorosamente por Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, é tomado aqui como subsídio para a compreensão e aprofundamento histórico do gênero literário da tradição judaico-cristã, no que diz respeito ao sacramento eucarístico.

O autor aborda os pontos fundamentais para a vivência, prática e estudo da “bênção” judaica, que colaboraram para a construção histórica do sentido teológico da liturgia eucarística, enquanto centro e culminação que se completa na reunião comunitária, por meio da atualização da memória de Jesus (*anamnese*).

No contexto antropológico da Patrística, Agostinho considerou a Eucaristia como “Bênção”, indicando o significado simbólico do augusto sacramento – “*para nós mesmos nos tornarmos o corpo de Jesus Cristo, devemos fazer em nós o trabalho que é feito no trigo e na uva para fazer deles o corpo e o sangue do Salvador*” (Sermão 272 Sobre a Eucaristia). Outrossim, ele indaga: “*Vocês querem saber o que é o corpo de Cristo? Escutem o Apóstolo; aqui está o que ele escreveu aos fiéis: Ora, vós sois o corpo de Cristo e cada um, de sua parte, é um dos seus membros – Uma vez que há um único pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos nós comungamos do mesmo pão*” (1 Cor 12, 27).

A teologia medieval nos mostrou, igualmente, com Tomás de Aquino que:

[...] o efeito deste sacramento deve ser considerado, antes de tudo e principalmente, a partir do que está contido neste sacramento, que é Cristo; que, assim como ao vir ao mundo, Ele concedeu visivelmente a vida da graça ao mundo, segundo Jo 1,17: “A graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo”, assim também, ao vir sacramentalmente ao homem, causa a vida da graça, segundo Jo 6, 58: “Quem se alimenta de mim viverá por mim”. Por isso, Cirilo diz sobre Lc 22, 19: “A Palavra vivificante de Deus, ao unir-se à sua própria carne, tornou-a produtiva de vida. Pois era conveniente que Ele se unisse de alguma forma aos corpos por meio de sua sagrada carne e precioso sangue, que recebemos em bênção vivificante no pão e no vinho”. (III^a, q. 79, a. 1, c)

Ademais, Tomás compôs um hino eucarístico como parte do ofício de *Corpus Christi* (*Adoro te devote*) a pedido do Papa Urbano IV em 1264, através da bula “*Transiturus*”, contra os hereges que negavam o sacramento da Eucaristia. A profundidade desta composição configura uma devoção ao sacratíssimo corpo de Jesus,

gesto genuinamente peculiar à mística e espiritualidade tomasiana.¹ Finalmente, este texto sugere uma reflexão acerca da “Bênção” (*berákhâh-eucharistia*), enquanto sinal do evento escatológico (*maranatha*) e teofânico da economia salvífica (*oikonomia*), para a consolidação plena da unidade do amor (*caritas*) em tempos antigos e atuais.

Márcio Fernandes da Cruz

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2012-2014). Doutorando em Filosofia pela UFU (2022-). Especialista em Ciências da Religião pelo Instituto Passo 1 (2017). Membro do Colegiado do Centro Internacional de Estudos Medievais da Universidade Federal de Uberlândia (CIDEMUFU) desde agosto de 2018. Possui experiência na área de Filosofia Geral, com ênfase em Filosofia Antiga e Medieval e se dedica à investigação do pensamento filosófico, educacional e teológico de Tomás de Aquino. E-mail: fernandesmedievo@yahoo.com.br

(Recebido em novembro de 2025; aceito em dezembro de 2025)

¹ *Adoro te devote, latens deitas, quae sub his figuris vere latitas tibi se cor meum totum subjicit quia te contemplans totum deficit. Visus, tactus, gustus in te fallitur, sed auditu solo tuto creditur. credo quidquid dixit Dei filius nil hoc verbo veritatis verius. In cruce latebat sola deitas, at hic latet simul et humanitas. Ambo tamen credens atque confitens, péto quod petivit latro paénitens. Plagas, sicut Thomas, non intueor Deus tamen meum te confiteor fac me tibi semper magis credere, in te spem habere, te diligere. O memoriale mortis Domini, panis vivus vitam praestans homini, praesta meae menti de te vivere, et te illi semper dulce sapere. Pie pellicane Jesu Domine, me immundum munda tuo sanguine, cujus una stilla salvum facere totum mundum quit ab omni scelere. Jesu, quem velatum nunc aspicio, oro fiat illud quod tam sitio ut te revelata cernens facie, visu sim beatus tuae gloriae. Amem.* – Eu vos adoro devotamente, ó Divindade escondida, que verdadeiramente oculta-se sob estas aparências, a vós, meu coração submete-se todo por inteiro, porque, vos contemplando, tudo desfalece. A vista, o tato, o gosto falham com relação a vós, mas, somente em vos ouvir em tudo creio. Creio em tudo aquilo que disse o Filho de Deus, nada mais verdadeiro que esta Palavra de verdade. Na cruz, estava oculta somente a vossa divindade, mas aqui, oculta-se também a vossa humanidade. Eu, contudo, crendo e professando ambas, peço aquilo que pediu o ladrão arrependido. Não vejo, como Tomé, as vossas chagas. Entretanto, vos confesso meu Senhor e meu Deus, faça que eu sempre creia mais em vós, em vós esperar e vos amar. Ó memorial da morte do Senhor, pão vivo que dá vida aos homens, faça que minha alma viva de vós, e que à ela seja sempre doce este saber. Senhor Jesus, bondoso pelicano, lava-me, eu que sou imundo, em teu sangue, pois que uma única gota faz salvar todo o mundo e apagar todo pecado. Ó Jesus, que velado agora vejo, peço que se realize aquilo que tanto desejo, que eu veja claramente vossa face revelada, que eu seja feliz contemplando a vossa glória. Amem.